

HG 9227 V

B. N. L.
9227
H.-G.

OFFERTA

Allemanha v. Os Alliados.

JULGAMENTO

POR

JAMES M. BECK,

Out'ora Ajudante do Procurador Geral dos Estados Unidos.

Do *New York Times*, de 25 de Outubro, 1914.

Preço, 75 reis.



LONDRES :
TYPOGRAPHIA DE WERTHEIMER, LEA E CIA.,
CLIFTON HOUSE, WORSHIP STREET, E.C.

1915.

9227

O JULGAMENTO DO Sr. BECK.

VAMOS suppor que n'este anno de *des-Grça* Mil Nove Centos e Quatorze, tivesse existido, como esperamos que qualquer dia venha a existir, um Supremo Tribunal de Civilização, perante o qual as nações soberanas pudessem litigar as suas differenças sem recurso ao appello iniquo e menos effectivo das armas.

Suppomos ainda que cada uma das nações contenciosas tivesse bastante do fermento da Christianidade para ter os seus aggravos ajudicados não pelos ethicos do canhão ou da espingarda, mas pelo criterio eternal da justiça.

Qual seria o julgamento d'aquelle augsto tribunal ?

Qualquer discussão dos meritos ethicos d'esta grande controversia, principia necessariamente com a assumção que não existe moralidade nacional.

Este axioma fundamental, sobre o qual necessariamente apoia a base inteira da civilização, é contestado por uma classe pequena de perversos intellectuaes.

D'estes alguns intendem que as considerações moraes são forçosamente subordinadas ás necessidades militares ou destino manifesto, assim chamado. Isto é a doutrina de Bernhardi.

Outros ensinão que a guerra é uma fatalidade beneficente, e que todas as nações nella occupadas são portanto igualmente justificadas. Por esta theoria, todas as nações agora disputando são sómente victimas d'uma corrente irresistivel de acontecimentos, e o mais alto dever do Estado é se preparar para a exterminação systematica, quando necessario, de seus vizinhos.

Não obstante as platitudes habeis sob as quaes ambas estas doutrinas estão disfarçadas, todos os espiritos moralmente sanos estão de um accordo que esta guerra é um crime grande contra a civilização, e a unica questão a discutir é, qual dos dois grupos de potencias contenciosas é moralmente responsavel por este erime.

A Austria foi justificada declarando guerra contra a Servia ?

A Allemanha foi justificada declarando guerra contra a Russia e a França ?

A Inglaterra foi justificada declarando guerra contra a Allemanha ?

Como a ultima destas questões é a mais facil a responder, pode ser a primeira considerada.

P.B.I.—Papel Branco Inglez.

P.B.A.—Papel Branco Allemão.

P.L.R.—Papel cor de Laranga Russo.

P.C.B.—Papel Cinzento Belgo.

A Justificação da Inglaterra.

A justificação da Inglaterra se apoia sobre o tratado solemne pelo qual a Prussia, a França, a Inglaterra, a Austria e a Russia “fearão garantidoras” da “neutralidade perpetua” da Belgica, como foi reafirmada pelo Conde de Bismarck, actual Chanceller do Imperio Allemão, em 22 de Julho 1870, e ainda mais recentemente reafirmada pelo importante facto revelado no Livro Cinzento da Belgica.

Na primavera de 1913 havia uma discussão na Commissão de Orçamento do Reichstag com referencia ao Orçamento Militar. No correr do debate, o Secretario de Estado allemão disse :

“ A neutralidade da Belgica é determinada por convenções internacionaes. e a Alemanha está resolvida a respeitar estas convenções.”

Para confirmar esta declaração solemne, o Ministro da Guerra aceresentou no mesmo debate :

“ A Belgica não tem papel a representar na justificação do projecto allemão de reorganização militar. A proposta é justificada pela posição de negocios no l’Este. A Alemanha não perderá de vista o facto que a neutralidade da Belgica é garantida por tratados internacionaes.”

Um anno mais tarde, em 31 de Julho 1914, Herr von Bülow, o Ministro allemão em Bruxellas, assegurou á Repartição de Estado da Belgica que estava sciente de uma declaração feita pelo Chanceller allemão em 1911, no sentido que “ Alemanha não tinha intenção de violar a nossa neutralidade ” e “ que tinha erteza que os sentimentos aos quaes tinha sido dado expressão n’aquelle tempo não tinham sido modificados. (Vide P. C. B. Nos. 11 e 12).

Parece desnecessario diseutir o desprezo caprichioso dessas obrigações e protestações solcmnes, quando o actual Chanceller do Imperio allemão, no seu discurso ao Reichstag e ao mundo em 4 de Agosto 1914, admittio francamente que a acção da machina militar invadindo a Belgica foi errada. Elle disse :

“ Estamos actualmente n’um estado de necessidade, e a necessidade não conhece a lei. Nossas tropas occuparam Luxemburgo, e talvez ja estejão em terra belgica. Senhores, isto é contrario aos mandados da lei internacional. E’ verdade que o Governo francez tinha declarado em Bruxellas que a França desejava respeitar a neutralidade da Belgica em quanto for respeitada pelo seu adversario. Sonbemos entretanto, que a França estava prompta para invadir. A França podia esperar, mas nos não podiamos. Um movimento francez sobre o nosso flanco no baixo Rheno poderia ter sido desastroso. De maneira que fomos constrangidos a passar por cima do justo protesto dos Governos do Luxemburgo e da Belgica. A injuria que commettimos — fallo abertamente — procuraremos reparar quando chegemos ao nosso destino militar. Qualquer ameaçado, como nos estamos ameaçados, o que pugna para as suas mais altas possessões, poderá ter um só pensamento — como talhar uma sahida.”

Esta defeza nem se quer é um pleito de confissão e evitação.

É um pleito de “culpado” no tribunal do mundo. Tem um merito, que não agrave o crime pela hypocrisia. Virtualmente ella apoia a causa da Allemanha sobre a doutrina de Treitschke e Bernhardi, que cada nação é justificada empregando o maximo de seu poder physico em defesa de seu proveito proprio. Nesta doutrina não ha novidade. O que unieamente causa surpresa é a sua revivicação no seculo vigesimo. Foi ensinada com muito mais efficaçia pelo “Machiavelli” no seu tratado “O Principe,” na qual glorifica a politica de Cesare Borgia esmagando os Estados mais fracos da Italia com implacavel terrorismo, ferocidade desenfreada, e a mais baixa decepção. Certamente, a destruição capriciosa da Belgica é simplesmente o Borgiaismo amplificado dez mil vezes pelos recursos mecanicos da guerra moderna.

A não ser a nossa ostentada civilização a mais delgada cobertura de barbarismo; a não ser a lei do mundo sómente a ethica da espingarda e a consciencia do canhão; a não ter o genero humano feito progresso algum real em moralidade politica depois de seculos sem conta, alem d’aquelle dos habitantes das cavernas, esta resposta da Allemanha não pode satisfazer ao “respeito decente ás opiniões dos homiens.” A contestação da Allemanha que um tratado de paz é “um pedaço de papel,” a ser desprezado a vontade quando assim requer os proceitos interessados de um dos partidos contratantes, é a negação de tudo quanto representa a civilização.

A Belgica tem sido erueificada a vista do mundo. A sua innocencia de qualquer offensa, em quanto não foi attacada, é clara demais para soffrer argumento. Sua immolação voluntaria para conservar a sua garantia solenne de neutralidade, pleitará a sua causa com voz de anjos. Sobre este ponto o Supremo Tribunal não poderia haver causa para duvida ou hesitação. Seu julgamento seria rapido e inexoravel.

A Guerra dos Diplomatas.

Os outros dois pontos restantes, acima referidos, não são tão simples. Em primeiro e talvez unico lugar, a questão ethica gira sobre as consequencias das communicações que passarão entre as diversas Chancellarias da Europa na ultima semana de Julho, porque o que ha de mais estranho neste maior de todas as guerras é que foi precipitada por diplomatas, e, presumindo que todos os diplomatas sinceramente desejavão a solução pacifica das questões levantadas pelo *ultimatum* austriaca (o que não é bem claro), ella foi o resultado de diplomacia ineffectiva e maldestra.

Apprecio perfeitamente a distincção entre as causas immediatas de uma guerra e as anteriores e mais fundamentaes; não obstante,

com o mundo n'um estado de paz de Estio no dia 23 de Julho 1914, uma questão, affectando gravemente a integridade de nações e o balanço de poder na Europa, é subitamente precipitada pelo *ultimatum* austriaca, e desde então e para um espaço de uma semana mais ou menos, uma serie de communicações diplomaticas passarão entre as Chancellarias da Europa, apparentemente designadas a evitar a guerra, mas tão inefficazes que a guerra foi precipitada e o Rubicon terrivel atravessado antes que o mundo soubesse, a não ser imperfeitamente, a natureza das differenças entre os Governos envolvidos. Os aspectos ethicos deste grande conflicto dependerão principalmente do archivo que tem sido organizado das communicações officiaes que podem, portanto, ser tratados como *evidencia authentica* n'uma causa em litigio.

Uma parte importante d'aquelle archivo está ja perante o tribunal da opinião publica nos "Papeis Brancos" da Inglaterra e da Allemanha e no "Papel cor de Laranja" da Russia, e o fim deste artigo é discutir qual seria o julgamento de um tribunal imparcial e desapassionado sobre as questões assim levantados e a evidencia deste modo submettida.

A Suppressão pela Allemanha e pela Austria de Documentos de Primeira Importancia.

Em primeiro lugar, tal Tribunal seria profundamente impressionado não sómente pelo que o archivo assim organizado descobria, como pelas omissões significativas de documentos de cuja existencia se sabia.

A defesa official da Inglaterra e da Russia não demonstra apparentemente falta alguma da parte de qualquer que seja das duas em submitter todos os documentos no seu poder; *porem*, "O Papel Branco" allemão na sua face descobre a supressão de documentos de importancia essencial, enquanto que a Austria até o presente deixou de submitter qualquer evidencia authentica que tivesse.

Sabemos do "Papel Branco" allemão — mesmo que não a julgamos como materia de inferencia irresistivel — que muitas communicações importantes passarão nesta crise entre a Allemanha e a Austria, e é provavel que quaesquer communicações devião tambem ter passado entre estes dois paizes e a Italia. A Italia, apesár da sua posição embaraçada, deve ao mundo uma descobertura completa. O que tal descobertura provavelmente mostraria, é indicado pela sua conclusão deliberada que seus alliados tñhão começado uma guerra de *agressão*, que a dispensava de qualquer obrigação sob a Triplíce Alliança.

O facto que communicações passarão entre Berlin e Vienna, cujo texto nunca tem sido revelado, não é materia de conjectura. A Allemanha admittê e assevera como parte de sua defesa, que ella exerceu fielmente sua influencia como mediadora com a Austria, mas não só não é revelada esta influencia por quaesquer resultados de tal mediação **como o texto destas communicações essenciaes está ainda guardado nos archivos secretos de Berlin e Vienna.**

Assim na defesa official da Allemanha está declarado que, não obstante a recusa da Austria a acceitar a proposta do Sir Edward Grey de tratar a resposta da Servia “ como uma base para mais conversações,”

“ nos (Allemanha) continuemos os nossos esforços até o extremo, e aconselhemos a Vienna que fizesse qualquer compromisso possível consistente com a dignidade da Monarchia.” (P.B.A.)

Isto convenceria melhor se o Ministerio dos Negocios Estrangeiros da Allemanha, quando appresentou outros documentos diplomaticos, tivesse ajuntado o texto do conselho que deste modo deu a Vienna.

A mesma lacuna significativa se encontra quando a mesma defesa official declara que no dia 29 de Julho o Governo allemão aconselhou a Austria “ a começar as conversações com Sr. Sazonof.” Mas aqui tambem o *texto* não se encontra entre os documentos que o Ministerio dos Negocios Estrangeiros da Allemanha tem dado ao mundo. As communicações que passarão entre aquelle Ministerio e seus embaixadores em Petrograd, Paris e Londres, são dados *in extenso*, mas entre as vinte sete communicações juntas a defesa official allemão, **é muito signficante que não tem una só communicação das muitas que passarão de Berlin á Vienna e uma sómente das que passarão de Vienna á Berlin.**

Isto não pode ser um acaso. A Allemanha achou conveniente encobrir com um veio de segredo o texto das suas communicações com Vienna, apezar de declarar que tem dado o sentido de algumas dellas.

Até que a Allemanha esteja prompta a pôr em evidencia os mais importantes documentos no seu poder, não deverá ficar admirada que o mundo, se lembrando da perversão por parte do Bismarck do despacho de Ems, que precipitou a guerra Franco-Prussiana, seja incredulo quanto a sinceridade dos esforços da Allemanha na mediação.

A Causa da Austria contra a Servia.

Para discutir a justiça das queixas da Austria contra a Servia nos levaria alem do archivo e dentro do campo de factos disputados, e faria desenvolver esta discussão demasiadamente.

Vamos suppor portanto arguindo, que nosso Tribunal imaginario

começaria a sua consideração com a assumção que a Austria tinha uma queixa justa contra a Servia, e que o assassinato do Archiduque em 29 de Junho, 1914, que não obstante commettido por cidadãos austriacos de sympathias servias sobre terreno austriaco, tinha a sua inspiração nas actividades politicas do Governo servio ou de organizações politicas d'aquelle paiz.

A questão para determinar seria então, não se a Austria teve questão justa contra a Servia, mas se, tendo em vista as obrigações que a Austria, como tambem todos os outros paizes, devem á civilização, ella procedeu da maneira que devia para obter reparação de seu agravo.

O Segredo do Plano da Alliança Duplice.

Em 28 de Julho, 1914, o Principe Herdeiro da Austria foi assassinado no Serajevo. Durante quasi um mez não houve acção alguma por parte da Austria, e nenhuma declaração publica das suas intenções. O mundo sympathisou profundamente com a Austria n'esta nova tribulação, e especialmente com o seu velho monarcha, que, como King Lear, "era tão cheio de magoas como de annos e desgraçado em ambos."

O Governo servio tinha antes declarado que não tinha complicitade neste assassinato, e tinha-se obrigado a punir qualquer cidadão nelle implicado.

De tempos a tempos, desde 28 de Junho a 23 de Julho, vierão de Vienna intimações semi-inspiradas que aquelle paiz pretendia agir com grande retenção propria e da maneira a mais pacifica. Nunca foi mesmo intimado que a Allemanha e a Austria ião em tempo de paz profunda, deitar uma mecha no paiol de polvera da Europa.

Isto é demonstrado claramente na primeira carta no Livro Branco Inglez, dirigida pelo Sir Edward Grey a Sir H. Rumbold, datada 20 de Julho 1914. É um dos documentos mais significantes da correspondencia inteira. Na occasião em que foi escripta esta carta, é provavel que o *ultimatum* arrogante e desarrazoado da Austria ja tivesse sido composto e approved na Vienna, e possivelmente no Berlin; no entretanto, Sir Edward Grey, o Ministro dos Negocios Estrangeiros de um paiz grande e amigo, tinha tão pouco conhecimento da politica da Austria que elle

"perguntou hoje (20 de Julho) ao embaixador allemão se elle tinha recebido noticias do que passava na Vienna com relação á Servia. "O embaixador allemão respondeu que não tinha, mas que a Austria certamente ia tomar algum passo."

Sir Edward Grey acrescenta que elle disse ao embaixador

alleião que teve conhecimento de que o Conde de Berchtold, o Ministro dos Negocios Estrangeiros da Austria,

“fallando ao embaixador da Italia em Vienna, tinha deprecado a suggestão que a situação era grave, e que tinha dito que seria aclarada.”

O Ministro da Allemanha então respondeu que seria a desejar “que a Russia pudesse servir de mediador com respeito a Servia,” de modo que a suggestão que a Russia fizesse o papel de pacificador veio do embaixador da Allemanha em Londres. Sir Edward Grey então accrescenta que elle disse ao embaixador da Allemanha que

“suppunha que o Governo da Austria não se moveria antes de tornar publicia a sua queixa contra a Servia, baseada presumivelmente sobre o que se tinha descoberto durante o processo.”

e o embaixador alleião concordou com esta presumpção. (P. B. I. No. 1.)

Ou o embaixador alleião estava naquella occasião illudindo Sir Edward Grey, de conformidade com a theoria que a função verdadeira de um exbaixador é de “mentir em proveito de seu paiz,” ou o raio estava sendo lançado com tanto segredo que mesmo o embaixador da Allemanha ignorava o que se estava fazendo.

O embaixador inglez em Vienna avisa Sir Edward Grey :

“A entrega em Belgrade em 23 de Julho da nota á Servia foi precedida por um periodo de *silencio absoluto* no Ballplatz.”

Elle continua dizendo que com a excepção do embaixador em Vienna — note a significação da excepção — nem um só membro do Corpo Diplomatico sabia cousa alguma a respeito do *ultimatum* da Austria, e que o embaixador francez, quando visitou a Secretaria de Negocios Estrangeiros da Austria em 23 de Julho, não sómente foi deixado em ignorancia do facto que o *ultimatum* ja tinha sido entregue, como tambem foi lhe dado a entender que seu tom era moderado. Mesmo o embaixador italiano não recebeu a confiança do Conde Berchtold. (Carta do Sir M. de Bunsen a Sir Edward Grey, datada 1 de Setembro, 1914.)

Foi a Allemanha Conheçador do Ultimatum ou Inspirador delle?

A questão importante e interessante aqui se suggere, se a Allemanha teve conhecimento e approvou d'antemão o *ultimatum* da Austria. Se teve, foi culpavel de duplicidade, porque o embaixador da Allemanha em Petrograd deu ao Ministro dos Negocios Estrangeiros da Russia a segurança expressa que

“o Governo alleião não tinha conhecimento do texto da nota da Austria antes que foi entregue, e que não exerceu influencia alguma sobre o seu conteúdo. É um engano attribuir á Allemanha uma attitude de ameaça.” (P.R.L. No. 18.)

A improbabilidade desta declaração é inherente. A Austria era o mais fraco dos dois alliados, e foi o sabre da Allemanha que ella sacudia na cara da Europa. Evidentemente a Austria não poderia ter procedido á medidas extremas, que ella desde o principio sabia haverão de contrariar a Russia, se ella não tivesse o apoio da Allemanha, e ha uma probabilidade, que é quasi uma certeza moral, que ella não teriase exposto, e a Allemanha tambem, á possibilidade de uma guerra Europea sem previamente ter consultado a Allemanha.

Outrosim, temos o testemunho de Sir M. de Bunsen, o embaixador inglez em Vienna, que avisou Sir Edward Grey que tinha “informação particular que o embaixador da Allemanha (em Vienna) era sciente do texto do *ultimatum* da Austria á Servia antes que foi despachado e quo o telegraphou ao Imperador allemão,” e quo o embaixador allemão mesmo “endosse cada linha.” (P. B. I. No. 95.) Como não revela a fonte da sua “informação particular,” este testemunho por se não convenceria, mas quando examinamos a defesa official allemão no “Livro Branco Allemão,” verificamos que a *Secretaria dos Negocios Estrangeiros allemão admittie que foi consultada pela Austria previamente ao “ultimatum” e não sómente approvou o acto da Austria, como deu a ella carta branca para proceder.*

Este ponto parece tão importante na determinação da sinceridade da attitude e protestos pacificos da Allemanha, que citamos *in extenso*. Depois de referir á fricção que antes existia entre a Austria e a Servia, o Livro Branco Allemão diz :

“Em vista destas circumstancias, a Austria teve de admittir que não seria compativel, nem com a dignidade, nem com a conservação da Monarchia, olhar por mais tempo para as operações no outro lado da fronteira sem tomar acção. *O Governo austro-hungaro nos avisou deste aspecto da situação e pediu a nossa opinião sobre o assumpto. Podiamos assegurar o nosso alliado da nossa mais cordial approvação de seu modo de encarar a situação, e affirmar que qualquer acção que ella considerasse necessaria a tomar para dar cabo ao movimento da Servia dirigida contra a existencia da Monarchia austro-hungara receberia a nossa approvação.* Soubemos perfeitamente que nesse respeito, movimentos belicosos da parte da Austria-Hungria contra a Servia farião a Russia entrar na questão, e podião nos arrastar para uma guerra de accordo com os nossos deveres como alliado.”

O testemunho abonado de Sir M. de Bunsen alias confirmado pelo facto que o embaixador inglez em Berlin, na sua carta de 22 de Julho dirigida á Sir Edward Grey, declara que na noite antecedente (Julho 21) elle tinha encontrado o Secretario de Estado de Negocios Estrangeiros allemão, e que referencia foi feita á acção possivel da Austria.

“Sua excellencia foi evidentemente de opinião que este passo por parte da Austria teria sido tomado antes disto. Insistiu que a questão era uma para ser decidida entre a Servia e a Austria sómente, e que não deveria haver outros nas discussões entre estes dois paizes.”

Acrescenta que enquanto elle entendeu que o seu paiz não devia approximar-se a Austria-Hungria neste negocio, tinha

“em diversas occasiões, em conversa com o Ministro da Servia, accentuado a grande importancia de regular as relações Austra-Servias.(P.B.I. No. 2)

Aqui temos a primeira declaração da posição da Allemanha no negocio, uma posição que acontecimentos subsequentes demonstrarão ser inteiramente indefensavel, mas á qual a Allemanha adheriu com tonacidade até o fim, e que muito fez para precipitar a guerra. Esquereido da solidariadade da eivilização Europea, e do facto que por meio de politica e eommunicação diplomatia durante muitos seculos, um Estado Unido Europeo existe, mesmo que a sua organização seja por omquanto elementar, elle tomou a posição que a Austria devia ser permittida a proceder a medidas aggressivas contra a Servia sem intervenção por qualquer outra Potencia, mesmo que, como era inevitavel, a humiliação da Servia destruisse o *status* dos Estados dos Balkans e mesmo ameaçasse o equilibrio do poder Europeo.

Não precisamos tomar espaço para convencer a qualquer homem razoavel que este *ultimatum* da Austria para a Sorvia foi brutal e desarrazoado na suas exigencias. Seria difieil encontrar na historia um documento mais offensivo, e sua iniquidade foi aggravada pelo curto prazo para responder que deu á Servia e á Europa. Servia tinha quaranta e oito horas para responder se comprometteria a sua soberania e virtualmente admittiria a sua eumpliedade n'um erime que ella tinha resolutamente negada. Como o texto completo do *ultimatum* sómente chegou as Chancellarias Estrangeiras quasi vintequatro horas depois de sua appresentação á Servia, as outras nações da Europa mal tinham um dia para considerar o que poderia ser feito para conservar a paz da Europa antes quo a paz foi fatalmente eompromettida. (P.B.I. No. 5 ; P.L.R. No. 3.)

Outra confirmação de ter o Ministerio dos Negocios Estrageiros allemão eonhecimento de antemão da natureza, pelo menos, do *ultimatum*, demonstra o facto que no dia em que o *ultimatum* foi entregue, a Chancellaria do Imperio allemão instruiu os embaixadores allemães em Paris, Londres e Petrograd que avisassem ao Governo da Inglaterra, da França e da Russia que

“os actos tanto como as exigencias do Governo austro-hungaro não podem ser consideradas senão justificadas.” (P.B.A. Annex I B.)

Como podia a Allemanha desta maneira endossar “exigencias” se não eonheesse a natureza do *ultimatum* ?

A hora em que estas instrucções forão enviadas não foi dado, de modo que não segue que estas instrucções significantes forão necessariamente anteriores ao entrega do *ultimatum* em Belgrade as

6 horas da tarde. Não obstante, como o *ultimatum* não chegou aos outros capitães da Europa antes do dia seguinte, que é claramente demonstrado pela correspondência diplomatica, parece improvável que o Ministerio dos Negocios Estrangeiros da Allemanha tivesse enviado para as outras Potencias no dia 23 de Julho esta advertencia tão formal e tão cuidadosamente preparada, se não tivesse não sómente conhecimento da intenção da Austria de entregar o *ultimatum*, como pelo menos conhecimento da sua natureza.

É possível que a Allemanha, enquanto endossava em branco a politica da Austria, propositalmente evitou de examinar o texto da communicação, de modo que pudesse depois reclamar que não era responsavel pela acção da Austria, — uma politica que não diminuiria a natureza vergonhosa do negocio todo — no entretanto a supposição mais razoavel é que a emissão simultanea do *ultimatum* da Austria em Belgrade e o aviso da Allemanha ás Potencias, foi o resultado de acção combinada e tinha um proposito commun. Nenhum tribunal, nenhum jury, raciocinando de accordo com as inferências ordinarias da vida humana, duvidaria desta conclusão por um momento.

A communicação do Ministro dos Negocios Estrangeiros da Allemanha por ultimo citada prevê que a Servia “recusará aceitar estas exigencias,” — porque, se forão justificadas? — e a Allemanha suggere á Franca, á Inglaterra e á Russia que se, como resultado de tal recusa, a Austria “tem recurso a medidas militares, a escolha dos meios deve ser deixado a seu juizo.”

Os embaixadores allemães nas tres Capitães forão instruidos “á estribarem - se especialmente no ponto de vista que a questão acima é uma cuja solução devolve sómente sobre a Austria-Hungria e a Servia, e que as Potencias devem fazer esforços serios para limitar aos dois paizes interessados,”

e foi acrescentado que Allemanha muito desejava

“que a controversia fosse localizada, visto que qualquer intervenção por parte de outra Potencia, devida ás diversas obrigações das allianças, resultaria em consequencias impossiveis a medir.”

Isto é um dos documentos mais significantes de toda a correspondencia. Se a Allemanha fosse tão ignorante da politica da Austria e do *ultimatum* como o seu embaixador em Londres pretendia ser, e se a Allemanha não estava n'aquella epocha instigando e apoiando a Austria no seu curso perigoso, porque teria o embaixador allemão enviado este aviso ameaçador para a Inglaterra, a Franca e a Russia, intimando que a Austria tinha de ser deixada livre a fazer guerra contra a Servia, e que qualquer tentativa de intervenção a favor da nação mais fraca “resultaria em consequencias impossiveis a medir?” (P.B.A. Annex 1 B.)

Poucos dias depois o Chanceller Imperial enviou aos Governos confederados da Allemanha uma communicação confidencial, na qual reconheceu a possibilidade da Russia julgar ser um dever “tomar

a parte da Servia na sua questão com a Austria-Hungria." Outra vez, porque, se a causa da Austria era tão claramente justificada? O Chanceller Imperial aceresenta que

"se a Russia sente-se constrangida a tomar a parte da Servia neste conflicto, ella certamente tem o direito de assim fazer."

Mas tambem aceresentou que se a Russia assim fizesse seria com effeito um desafio á integridade da Monarchia austro-hungara, e que ella só portanto

"teria a responsabilidade se uma guerra europea resultasse da questão austro-servia, que todas as outras Potencias da Europa querião localizar."

Nesta communicação confidential e significativa o Chanceller da Allemanha declara o grande interesse que a Allemanha tinha na punição da Servia pela Austria. Elle diz "os nossos interesses mais intimos, portanto, nos chamão para o lado da Austro-Hungria," e aceresenta que

"se contrario á esperanza, a questão se alarga devido á intervenção da Russia, teremos então, fieis ao nosso dever como alliado, de apoiar a Monarchia vizinha com toda a força do Imperio allemão." (P.B.A. Annex 2.)

É singular e significativa que enquanto todos os outros documentos nos "Papeis Brancos Allemães" são datados, este tão importante, no qual o Chanceller pede aos Governos Confederados da Allemanha de engir as espadas em preparação para uma guerra europea, não traz data. Como os documentos estão arranjadas chronologicamente, e como este documento é intercalado entre a communicação acima referida de 23 de Julho e um telegramma de Vienna de 24 de Julho, a inferencia seria que foi enviado entre aquellas datas. Se assim foi, abala a credulidade ordinaria acrereditar que este documento portentoso, avisando aos constituintes do Imperio allemão a preparar-se para "o dia," não fosse escripto com todo conhecimento do *ultimatum* da Austria, que tinha sido emittido sómente no dia 23 de Julho, e só chegou ás outras Capitães da Europa no dia 24 de Julho. Isto não obstante, o documento em se indicaria que foi escripto depois da resposta da Servia no dia 25; mas como a Allemanha esperava, como ella mesma admite, uma resposta negativa da Servia, ainda era possível, mas não provavel, que este aviso confidencial fosse escripto ou no dia 23 ou 24. A probabilidade é que este documento sem data foi escripto pouco depois do dia 25 de Julho, e elle certamente revela nenhuma expectativa e possivelmente nenhum desejo de uma solução provavel do problema. Porque seria omittida a data deste documento importante?

Os Esforços para Manter a Paz.

Para chegar á sua conclusão, nosso tribunal imaginario prestaria pouca attenção á simples profissões de desejos para paz. Uma

nação, como um individuo, pode occultamente dar um golpe na paz de outrem enquanto vai dizendo “Tens saude, meu irmão?” e mesmo, a paz da civilização pode ser trahida por um beijo de Judas. Profissões de paz pertencem á hypoerisia da diplomacia, e tem sempre caracterizadas as mais bellicosas das nações.

Nenhuma guerra em tempos modernos tem sido começada sem que o aggressor allegasse que a sua nação não desejava senão a paz, e invocando socorro Divino para a sua politica homieida.

Vamos então analysar o archivo com ja preparado; e para clareza, os acontecimentos anteriores á guerra serão considerados chronologicamente.

Logo na receita do *ultimatum* em Petrograd em 24 de Julho, o Ministro de Negocios Estrangeiros da Russia, n'uma communicação formal á Austria-Hungria, lembrou que o curto limite de tempo “deixou ás Potencias um prazo inteiramente insufficiente para que ellas pudessem dar quaesquer passos uteis com o fim de endireitar as complicações que se têm levantado,” e aceresentou:

“Com o fim de evitar consequencias incalculaveis, igualmente fataes para todas as Potencias, que podem resultar do procedimento adoptado pelo Governo austro-hungaro, parece-nos antes de tudo, essencial que se extende o prazo concedido para a resposta da Servia.”

Sazonof lembrou ainda que se desse tempo para as Potencias examinar os resultados do inquerito feito pelo Governo Austro-Hungaro com respeito ao assassinato de Serajevo, e declarou que se as Potencias ficassem convencidas

“que algumas das pretensões austriacas erão bem fundadas, poderiam então offerecer os seus conselhos ao Governo servio.”

Elle observa com justiça que

“recusar a prolongar o prazo do *ultimatum* . . . seria em contradicção com as bases mesmo das relações internacionaes.” (P.L.R. No. 4.)

Podia qualquer tribunal duvidar da justiça desta contestação? A paz do mundo estava em perigo. Sómente pedia-se tempo para ver o que se podia fazer para conservar aquella paz e satisfazer as pretensões da Austria até o ultimo vintem.

Concurrentemente com o pedido de Sazonof para mais um pequeno prazo para conservar a paz do mundo, Sir Edward Grey tinha tido um entrevista com o embaixador allemão em 24 de Julho, e tinha lhe suggerido que o unico meio de prevenir o catastrophe era

“para as quatro Potencias, Allemanha, França, Italia e Inglaterra trabalhar juntas e simultaneamente em Vienna e Petrograd.” (P.B.I. No. 11.)

A Allemanha tinha sómente de indiciar á Austria que “o respeito decente ás opiniões do mundo,” tanto como a cortezia ordinaria devida ás nações grandes e amigas, exigião que prazo sufficiente fosse dado não sómente á Servia como ás outras nações para agir de accordo para o bem de todas, especialmente como

a estação estava na calma do estio e muitos dos principaes estadistas estavam ausentes de suas respectivas capitães.

Nestas circumstancias, era natural que a Russia declarasse em 24 de Julho

“que qualquer acção tomada pela Austria no sentido de humiliar a Servia não deixaria a Russia indifferente.”

e que no mesmo dia o Chargé d’Affaires da Russia em Vienna suggerisse á Secretaria dos Negocios Estrangeiros da Austria

“que a nota austriaca foi formulada de maneira a tornar a sua acceitação impossivel como estava, e que era deusada e poremporia nos seus termos.”

A unica resposta do Ministerio dos Negocios Estrangeiros da Austria foi que o seu Representante na Servia tinha recebido ordems de partir de Belgrade se as exigencias da Austria não fossem acceitas integralmente o mais tardar ás 4 horas da tarde do dia seguinte. (P.B.I. No. 7.)

A unica concessão á causa da paz que a Austria fez naquella occasião, ou mesmo subsequentemente, foi a garantia que depois de conquistar á Servia não exigiria a cessão de territorio.

A acção da Allemanha neste dia, 24 de Julho, foi muito significante. Seu embaixador em Inglaterra communicou uma nota á Sir Edward Grey, na qual justificou as queixas e o *ultimatum* austro-hungaro, dizendo que

“nestas circumstancias, o procedimento e as pretenções do Governo austro-hungaro não podião ser considerados senão como justas e moderadas.”

A nota accrescenta :

“O Governo Imperial deseja sublinhar a sua opinião que no caso presente só entra em discussão um assumpto que se deve ajustar exclusivamente entre a Austria-Hungria e a Servia, e que as grandes Potencias devem soriamente tentar do reservar tal assumpto para as duas partes á quem toca mais directamente.” (P.B.I. No. 9.)

Em 25 de Julho, provavelmente com muita surpresa para a Allemanha e para a Austria, que tinham calculado definitivamente que a Servia não se submeteria ao *ultimatum*, este paiz, em vista de conselho conciliatorio da Russia, mandou uma resposta em que, sacrificando o seu amor proprio como estado soberano, accitou na realidade todas as exigencias da Austria menos uma, e a respeito desta, manifestou sua boa vontade para que fosse sujeita ao arbitramento ou a uma conferencia das grandes Potencias (P.B.I. No. 38.)

Nenhum tribunal impugnaria por um momento a conclusão que esta resposta foi realmente uma aquiescencia nas exigencias extremas da Austria, nem a Allemanha nem a Austria a contestarão seriamente. Se contentavão impugnando a sinceridade das affirmações, chamando de fingidas as concessões, e sobre isto basta dizer que, se a Allemanha e a Austria tivessem acceitas como sufficiente a resposta da Servia, e se a Servia depois faltasse a cumprir as suas promessas assim feitas na boa fé, teria havido para ella pouca

sympathia e nenhuma guerra geral. Na verdade, tanto a Russia como a Inglaterra empenharão sua influencia para obrigar á Servia, se assim fosse necessario, a aceitar plenamente qualquer pretensão razoavel da Austria.

A questão pendente que a Servia concordou em arbitrar ou deixar ás Potencias, foi a participação de officiaes austriacos nos foros Servios. Esta não apresentava problema difficil. O desejo declarado da Austria para uma investigação imparcial podia ter sido obtido pela nomeação de uma commissão de juristas para fazer tal investigação.

Em 24 de Julho Sir Edward Grey tambem tinha pedido ao embaixador allemão de usar sua boa influencia em Vienna para obter uma extensão de prazo. Á este pedido tão razoavel, a resposta e acção do Governo allemão forão velhaes no extremo. Concordarão em "passar adiante" a suggestão, mas o Secretario de Estado allemão accrescentou que como o primeiro ministro da Austria estava ausente de Vienna haveria demora e difficuldade em estender o prazo, o

"elle admittiu francamente que o Governo austro-hungaro desejava dar uma lição aos Servios e que tencionava proceder militarmente. Tambem admittiu que o Governo servio não podia engulir algumas das pretensões húngaras."

Accrescentou que a Allemanha não queria uma guerra geral, e que "faria tudo quanto estava no seu poder para impedir uma tal calamidade." (P.B.I. Nos. 11 and 18.) **Se a Allemanha fez qualquer communicação á Austria nos interesses da paz, o texto ainda não tem sido revelado ao mundo.** Uma palavra de Berlin para a Vienna teria dado o tempo addicional, que com intenções sinceramente pacificas, poderia ter resultado na conservação da paz. A Allemanha, eu quanto revelão os documentos, nunca disse aquella palavra.

Comparo esta attitude com aquella da Russia, cujo Ministro dos Negocios Estrangeiros, na manhã de 25 de Julho, offereceu

"a por-se de lado e deixar a questão nas mãos da Inglaterra, Franca, Allemanha e Italia. (P.B.I., No. 17.)

Em 25 de Julho Sir Edward Grey propôz que as quatro Potencias (incluindo a Allemanha) se unissem

"para pedir aos Governos da Austria e da Russia de não atravessarem a fronteira e darem tempo ás quatro Potencias, trabalhando em Vienna e Petrograd, de ver se podião arranjar as cousas. Se a Allemanha adoptar esta opinão, sou de parecer que nós e a Franca façamos o necessario. Sem duvida a Italia estaria pronta á co-operar. (P.B.I. Nos. 24 o 25.)

A este pedido razoavel o Chanceller Imperial allemão respondeu :

"Dosde o principio até o fim tomamos como base que esta questão deverá ser localizada pela abstenção de intervenções por parte de todas as Potencias."

Porem, accrescentou que a Allemanha, em caso de uma controversia austro-russa, co-operava com as outras grandes Potencias em mediação entre a Russia e a Austria. (P.B.A. annex 13.)

Esta distincção é muito difficil de appanhar. As differenças entre a Russia e a Austria forão sobre a tentativa por parte da ultima de esmagar a Servia. A Allemanha não queria intervir nisto, porem estava prompta a mediar entre a Russia e a Austria. Praticamente as duas cousas não se distinguem.

Como ella “co-operou” veremos mais tarde.

Tudo que a Allemanha fez no dia 25 de Julho, tanto quanto os documentos revelão, foi de “passar adiante” os pedidos da Inglaterra e da Russia para extensão de prazo; mas acontecimentos subsequentes indicarão que forão “passados adiante” sem qualquer endosso, porque, é accreditavel que a Austria teria ignorado o pedido de seu alliado para extensão de tempo se tivesse sido feito?

O Ministro dos Negocios Estrangeiros da Austria, tendo enviado seu *ultimatum*, ausentou-se da capital; porem, o Ministro da Russia em Vienna consegeu submeter aquelle pedido razoavel verbalmente ao seu substituto, que respondeu simplesmente que o havia de submeter ao Conde Berchtold, *mas que elle podia predizer com certeza uma recusa categorica*. Mais tarde, naquelle mesmo dia (Julho 25), a Russia foi avisado definitivamente que nenhum prazo seria concedido. (P.L.R. Nos. 11 e 12.)

Foi jamais a paz do mundo destruida sob pretexto tão insignificante? Um pouco de tempo, poucos dias, mesmo algumas horas, talvez bastavão para evitar para o mundo os horrores actuaes, porem tempo nenhum podia ser concedido. *Um julgamento colossal improvisado foi tomado por estas rabulas diplomaticas*. Seria difficil encontrar na historia maior desfeita á uma Potencia amiga, visto que a Austria não estava de guerra com a Russia.

Frustradas nos seus esforços para obter uma extensão de prazo, a Inglaterra, a França e a Russia fizerão outras tentativas para assegurar a paz, fazendo cessar movimentos militares até que pudessem fazer esforços para conciliação. Sir Edward Grey propuz á Allemanha, á Franca, á Russia e á Italia que se uni sem em pedir á Austria e á Servia de não atravessarem a fronteira “antes que tivessesmos tido tempo para arranjar as cousas entre ellas,” mas o embaixador allemão leu para Sir Edward Grey um telegramma que tinha recebido do Ministerio dos Negocios Estrangeiros allemão dizendo que, “visto a Austria ter lançado essa nota, ja não podia mais se retirar.” (P.B.I. No. 25.)

Como ja temos visto, a Allemanha nunca, quanto revela o archivo, procurou de qualquer maneira influir a Austria a fazer esta ou qualquer outra concessão. Sua attitude foi manifestada na declaração de seu embaixador em Paris ao Ministro dos Negocios Estrangeiros da França, na qual emquanto negando ter a Allemanha approvado o *ultimatum* da Austria, no entretanto diz que approvou o seu ponto de vista,

“e que certamente, uma vez lançada a frecha, a Allemanha não podia deixar de ser guiada pelo seu dever ao seu alliado.”

Isto parece ter sido o sophisma fatal da Allemanha, que os seus deveres para com a civilização erão tão fracas que ella devia apoiar o seu alliado, a Austria, mesmo que este tivesse ou não razão. Tal foi a sua politica que sustentou com fatal consistencia. Apoiar seu alliado em guerra actual pode ser defensivo, mas apoiar em tempo de paz uma exigencia iniqua e uma politica de descortezia grosseira, offende á todo sentimento de moralidade internacional.

No dia seguinte, a Russia propuz á Austria que ellas entrassem n'uma troca de vistas particulares, com o fim de fazer juntas uma alteração n'algumas das clausulas da nota austriaca de 23 de Julho. *A isto a Austria não respondeu.* O Ministro da Russia communicou esta suggestão ao Ministro dos Negocios Estrangeiros da Allemanha e manifestou a esperanza que "elle achasse possivel aconselhar Vienna a encontrar a nossa proposta," mais isto não era de accordo com a politica allemã, porque naquelle dia o embaixador allemão em Paris visitou o Ministro dos Negocios Estrangeiros da França, e, em resposta a um suggestão semelhante que a Allemanha aconselhasse a Vienna de encontrar a Servia no mesmo espirito conciliador que a Servia tinha mostrado, o embaixador respondeu que "não era possivel, em vista da resolução tomada de não intervir no conflicto austro-servio."

No mesmo dia a Inglaterra pediu á França, á Italia e á Allemanha de encontrar-se em Londres numa conferencia com o fim de conservar a paz da Europa, e á esta suggestão o Chanceller allemão respondeu com o triste trocadilho, que "é impossivel trazer o nosso alliado perante um tribunal europeu nesta sua questão com a Servia," não obstante fingia acceitar "em principio" a politica de mediação.

A acceitação "em principio" da Allemanha de uma politica que na pratica ella travessava, faz lembrar do estadista do Maine que votou a favor da lei para a abolição das bebidas alcoholicas, mas contra a sua execução.

A recusa da Allemanha de ter a causa da Servia submettida ás Potencias, mesmo para a sua consideração, é muito notavel quando se recorda que o embaixador allemão em Londres citou o Secretario de Estado allemão á Sir Edward Grey como dizendo

"que algumas cousas havião na nota da Austria que não se podia esperar que a Servia accitasse,"

reconhecendo assim que o *ultimatum* da Austria era, ao menos nesta parte, injusto. Sir Edward Grey então chamou a attenção do embaixador allemão para o facto que se a Austria recusava a resposta conciliadora da Servia, e marchava sobre aquelle paiz, "significaria que ella estava resolvida á esmagar a Servia á todo custo, descuidando das consequencias que pudessem ser involvidas."

Acrescentou que a resposta da Servia

"devia ao menos ser tratada com base para discussão e pausa,"

e pediu que o Governo allemão insistisse sobre isto em Vienna, mas

o Secretario de Estado allemão, no dia 27 de Julho, respondeu que tal conferencia “ não era practicavel ” e que seria “ virtualmente um tribunal de arbitramento, ” e não podia, na sua opinião, ser convocada “ salvo á pedido da Austria e da Russia. ” (P.B.I. 43 e 44.)

É bem claro que isto foi simplesmente um subterfugio. A Allemanha ja sabia que a Austria tinha recusado o pedido da Russia para uma extensão de prazo, e tinha actualmente começado operações militares. A attitude da Allemanha é melhor indicada na carta do Ministro da Russia na Allemanha á Secretaria dos Negocios Estrangeiros da Russia, na qual declara, que no dia 27 de Julho elle visitou a Secretaria dos Negocios Estrangeiros allemã e pediu

“ que insistisse com a Vienna de uma maneira mais urgente para que accedesse esta linha de conciliação. Jagow respondeu que não podia aconselhar a Austria a ceder. ” (P.L.R. No. 35.)

Porque não ? A Russia tinha aconselhado á Servia a ceder e a Servia tinha concedido quasi todas as reclamações. Porque não podia a Secretaria dos Negocios Estrangeiros allemã aconselhar Vienna que encontrasse conciliação por conciliação, se o seu desejo para paz fosse sincero ?

Antes desta entrevista, o embaixador francez tinha visitado a Secretaria dos Negocios Estrangeiros allemã com o mesmo fim, e insistiu na suggestão inglez que acção devia ser tomada pela Inglaterra, a Allemanha, a Russia e a França em Petrograd e em Vienna para fazer com que a Austria e a Servia

“ se abstessem de qualquer acto que pudesse agravar a situação a esta hora. ”

Por isto querião dizer que pendendo outras conversações não devia haver invasão da Servia pela Austria nem da Austria pela Russia. *O Ministro dos Negocios Estrangeiros da Allemanha deu a isto uma recusa categorica.*

No mesmo dia, o embaixador da Russia na Vienna teve uma “ conversa longa e seria ” com o Secretario de Estado Assistente da Austria. Elle enunciou a sua grande esperança que “ qualquer cousa pudesse ser arranjada antes que a Servia fosse actualmente invadida. Barão Macchio respondeu que agora seria difficil, porque ja tinha havido uma escaramuça no Danubio na qual os Servios tinham sido os aggressores. ”

O embaixador da Russia então disse que seu paiz faria o possivel para acalmar os Servios,

“ e mesmo, com o fim de ganhar tempo, que se retirassem em face de um avanço por parte da Austria. ”

Elle insistiu que o embaixador da Austria em Petrograd fosse dado amplos poderes para continuar as discussões com o Ministro dos Negocios Estrangeiros da Russia,

“ que estava prompto á aconselhar a Servia á conceder tudo quanto podia. lhe ser com razão exigido como Potencia independente. ”

A unica resposta razoavel a esta suggestão foi que seria sub-mettida ao Ministro dos Negocios Estrangeiros. (P.B.I. No. 56.)

No mesmo dia, o embaixador allemão em Paris visitou a Secre-taria dos Negocios Estrangeiros da França e insistiu vigorosamente na “*exclusão de toda possibilidade de mediação ou conferencia*” no entretanto contemporaneamente o Chanceller Imperial da Allemanha avisava Londres que tinha

“começado os esforços para mediação em Vienna, como desejado pelo Sir Edward Grey, e tambem tinha communicado ao Ministro dos Negocios Estrangeiros da Austria o desejo do Ministro dos Negocios Estrangeiros da Russia para uma conversação directa com Vienna.”

Quanta hypocrisia! Na defeza formal allemão, o apologista official daquelle paiz, depois de declarar a sua convicção

“que um acto de mediação não poderia tomar em consideração o conflicto austro-servio, que era puramente um negocio austro-hungaro,”

pretendeu que a Allemanha tinha transmittido para a Vienna a suggestão ulterior do Sir Edward Grey, na qual foi a Austro-Hungaro pedido

“ou de decidir aceitar a resposta da Servia como sufficiente, ou de considera-la como base para ulteriores conversações;”

mas o Governo austro-hungaro — representando o papel de socio malvado na combinação — “com toda appreciação da nossa actividade mediatoria” (assim diz o Papel Branco allemão, com humor sardonico) respondeu a esta proposição que, vindo como veu depois do começo de hostilidades, “*era tarde demais.*”

Ha qualquer homem razoavel que pode duvidar por um momento que se a Allemanha tivesse feito qualquer coisa mais do que “transmittir” estas prudentes e pacificas suggestões, a Austria teria conformado com as suggestões do seu poderoso alliado, ou que a Austria teria suspendido suas operações militares se a Allemanha tivesse dado qualquer intimação de tal desejo? No dia seguinte, 28 de Julho, a porta ficou ainda mais fechada contra a possibilidade de qualquer compromisso quando o Ministro dos Negocios Estrangeiros

“disse pacificamente, mas com firmeza, que nenhuma discussão poderia ser aceita na base da nota servia; que a guerra seria declarada hoje, e que a caracter pacifica bem conhecida do Imperador, como tambem a delle mesmo, poderia ser aceita como garantia que a guerra era justa e inevitavel e que este negocio tinha de ser arranjado directamente entre as duas partes interessadas.”

Em resposta a esta declaração arrogante e desarrazoada, que a Europa tinha de aceitar a garantia do Ministro dos Negocios Estrangeiros da Austria quanto a rectidão da sua contenda, o embaixador inglez suggerio “o aspecto mais largo da questão,” que era a paz da Europa, e a este “aspecto mais largo” que devia ter feito pausar qualquer official razoavel, o Ministro de Estrangeiros austriaco respondeu que elle

“tambem se lembrava disto, mas julgava que a Russia não deveria oppor-se

á operações como as que estavam iminentes, e que não tinham por fim o engrandecimento territorial, e que não podião por mais tempo addiar.” (P.B.I. No. 61.)

As conversações particulares entre a Russia e a Austria tendo assim falladas, a Russia voltou a proposição de uma conferencia europea para conservar a paz. Seu embaixador em Vienna, em 28 de Julho, teve uma conferencia com Berchtold e indicou os perigos para a paz da Europa e como era desejavel ter boas relações entre a Austro-Hungria e a Russia.

Count Berchtold respondeu que comprehendeu perfeitamente como era grave a situação e as vantagens de uma explicação franca com o Gabinete de Petrograd.

“Elle me disse que, da outra parte, o Governo austro-hungaro sómente resolveu sobre as medidas energicas que tinha tomado contra a Servia com muita reluctancia, e que não podia agora retirar-se nem entrar em discussão sobre os termos da nota austro-hungara.” (P.L.R. No. 45.)

No mesino dia, Julho 28, o Chanceller Imperial allemão mandou chamar o embaixador inglez, e desculpou-se de não ter accedido a proposta das Potencias neutras para uma conferencia, allegando que pensou que não havia de ter resultado,

“porque tal conferencia, na sua opinião, pareceria com um ‘Arcopagus’ com duas Potencias de cada grupo julgando as duas Potencias restantes.”

Depois deste triste e insincero trocadilho, e quando foi lembrado da resposta conciliadora da Servia, que era virtualmente uma submissão,

“sua Excellencia disse que não desejava discutir a nota servia, mas que o ponto de vista da Austria, com o qual elle concordava, era que a sua contenda com a Servia era um assumpto puramente austriaco, com o qual a Russia nada tinha que ver.” (P.B.I. No. 71.)

A Mobilização das Nações.

Os governadores dos paizes agora intervierão na contenda. O Kaiser, tendo voltado da Noruega, telegraphou para o Czar, com data de 28 de Julho, que

“estava exercendo toda a sua influencia para fazer a Austria chegar á um accordo aberto e satisfactorio com a Russia,”

e invocou a assistencia do Czar. (P.B.A. Annexo 20.)

Se o Kaiser foi sincero, a sua attitude não foi aquella da sua Secretaria de Negocios Estrangeiros. Á vista dos documentos temos sómente a sua garantia pessoal que estava fazendo tudo para conservar a paz, mas os passos que deu, e as communicações que fez para influir a Austria, não se encontrão na defeza formal que o Governo deu ao mundo. O Kaiser só poderá convencer o mundo da sua inno-

cencia do crime da sua camarilha de Potsdam entregando o *texto* de qualquer conselho que elle deu aos officiaes austriacas. Elle tem produzido seus telegrammas ao Czar. *Aonde estão aquelles que provavelmente mandou ao Francis Joseph ou ao Count Berchtold? Aonde estão as instruções que deu aos seus embaixadores ou ao Ministro de Negocios Estrangeiros?*

É significante que no mesmo dia Sazonof telegraphou ao Conde Benckendorff :

“As minhas conversações com o embaixador allemão confirmão a minha impressão que a Allemanha é um tanto favoravel á attitude severa adoptada pela Austria.”

e acrescenta, e a historia lhe apoiará na sua conclusão, que

“o Gabinete de Berlin, que talvez podia ter impedido todo o desenvolvimento desta crise, parece não ter exercido acção alguma sobre o seu alliado.” (P.L.R. No. 43.)

No dia 29 de Julho, Sir Edward Goschen telegraphou ao Sir Edward Grey que naquella noite elle tinha visto o Chanceller allemão, que “acabava de regressar de Potsdam,” aonde parece que tiuha visto o Kaiser. O Chanceller então mostrou para onde soprava o vento, fazendo para Sir Edward Goschen a suggestão que se a Inglaterra ficasse neutra, o Governo allemão daria todas as garantias que não tinha por fim adquerir territorio a custa da França. Quando interrogado com respeito ás colonias francezas, nenhuma garantia foi dada. (P.B.I., No. 85.)

Mais tarde no mesmo dia, o Chanceller allemão teve outra entrevista com o embaixador inglez, e exprimiu o seu pezar

“que os acontecimentos tinham se seguido com rapidez demais, e que portanto, era tarde demais para agir de accordo com a sua suggestão (a de Sir Edward Grey) que a resposta da Servia servisse de base de discussão.” (P.B.I. No. 75)

No mesmo dia, o embaixador da Allemanha em Petrograd, visitou o Sazonof e mostrou-se a favor de mais explicações entre a Vienna e o Petrograd, ao qual Sazonof assentiu. (P.L.R. No. 49.) No mesmo dia Sir Edward Grey pediu o Governo allemão

“a suggerir qualquer forma de procedimento sob a qual a idea de mediação entre a Austria e a Russia, ja acceita em prinieipio pelo Governo allemão, pudesse ser applicada.”

A Secretaria dos Negocios Estrangeiros da Allemanha respondeu que não podia agir com receio que se fizesse qualquer suggestão ao alliado que parecia como pressão, poderia “causar a Austria á precipitar as cousas e appresentar um *fait accompli*.” (Veja carta de Sir Edward Goschen á Sir Edward Grey, Julho 29. P.B.I. No. 70.)

Este foi o ultimo e o peor dos trocadilhos ditos para ganhar tempo emquanto a Austria estava avançando para Belgrade. Elle presume que a Austria poderia não sómente deixar de respeitar o desejo de seu poderoso alliado n’um negocio de interesse commum, como que ella poderia agir em desacordo com aquelle desejo. Isto esforça a credulidade á ponto de romper! Seria possivel que o Se-

cretario de Estado allemão conservasse a cara seria emquanto disse este gracejo sardonico ? Talvez seja o dever de um diplomata mentir em certas occasiões, mas será jamais necessario proferir tão estúpida falsidade ? O Secretario de Estado allemão aceresentou na mesma conversã que talvez o esforço para paz apressou a declaração de guerra, como se a declaração de guerra contra a Servia não tivesse sido planejada e esperada desde o começo !

Como esforço final para encontrar estes trocadilhos, o embaixador inglez em Berlin então suggeriu que depois que a Austria tivesse satisfeito a sua prestancia militar, o momento poderia ser favoravel para as quatro Potencias disinteressadas discutir a situação e appresentar suggestões com o fim de obviar maiores complicações.

O Secretario de Estado allemão parecia aceitar esta proposta, mas como sempre, *nada foi feito.* (P.B.I. No. 76.) É verdade quo no dia 29 de Julho o embaixador allemão assegurou Sir Edward Grey quo a Secretaria dos Negocios Estrangeiros da Allemanha

“ procurava fazer a Vienna explicar á Petrograd de uma maneira satisfactoria o alvo e extensão da acção da Austria na Servia, ”

mas tambem as communicações enviadas pela a Secretaria de Negocios Estrangeiros á Vienna sobre este assumpto *nunca forão reveladas ao mundo.* (P.B.I. No. 84.)

Nesta mesma conferencia Sir Edward Grey

“ fez instancias para que o *Governo allemão suggerisse um methodo qualquer pelo qual a influencia das quatro Potencias poderia exercer-se juntamente para evitar a guerra entre a Austria e a Russia.* A França concordou, a Italia concordou. A ideia completa da mediação ou d’uma influencia mediadora estava prompta a pôr-se em execução de *qualquer modo que a Allemanha pudesse suggerir,* se o meu modo não fosse acceptavel. De facto, a mediação estava prompta a pôr-se em execução por methodo qualquer que a Allemanha considerasse possivel. Só faltava que a Allemanha ‘ dedesse o dedo no botão da campainha ’ nos interesses da paz.” (P.B.I. No. 84.)

A difficuldade, porem, foi que a Allemanha nunca “ poz o dedo no botão, ” não obstante que lhe tinha sido faeil, visto ser o membro mais forte da Duplice Alliança e de mais influencia.

No mesmo dia o Governo austriaco deixou um memorandum com Sir Edward Grey, informando-lhe que Count Mensdorff disse que a guerra com a Servia tinha de proceder.

Na noite de 29 de Julho, o embaixador inglez em Berlin foi informado que a Secretaria de Estrangeiros allemão “ *não tinha tido ainda tempo para enviar uma resposta* ” á proposta que a Allemanha suggerisse a forma de mediação, mas que a questão tinha sido referida ao Governo austro-hungaro perguntando “ o que era necessario para o satisfazer. ” (P.B.L. No. 167.)

No dia seguinte, o embaixador allemão informou Sir Edward Grey que o Governo allemão faria um esforço para influir a Austria depois do tomada de Belgrade e de territorio Servio na região da fronteira, á prometter não avançar mais, emquanto as Potencias

tentassem arranjar que a Servia desse satisfação sufficiente para pacificar a Austria; mas se a Allemanha exerceu qualquer pressão sobre Vienna, *nenhuma evidencia tem sido appresentado ao mundo*. E certamente não teve effeito, e pelas razões mencionadas é impossível acceeditar que conselho allemão, se dado de boa fé, não scria seguido pelo seu alliado mais fraco.

De tudo quanto apparece no archivo, a Austria não deu resposta a esta suggestão conciliadora da Inglaterra; mas, no entretanto, o irreprimivel Kaiser fez a crise mais aguda mandando um telegramma ao Czar dizendo que a mobilização da Russia para encontrar a mobilização da Austria affectava a sua posição como mediador, ao que o Czar fez uma resposta conciliadora dizendo que a mobilização da Russia era sómente para defender-se contra a Austria.

Que mais podia a Russia fazer? Se a Austria continuasse á mobilizar, porque não a Russia?

Neste dia, 30 de Julho, o embaixador allemão teve duas entrevistas em Petrograd com Sazonof, e foi então que Sazonof formulou como base para paz:

“Se a Austria, reconhecendo que seu conflicto com a Servia tem assumido caracter d’uma questão de interesse europea, se declarasse prompta á eliminar de seu *ultimatum* os pontos que offendem o principio da soberania da Servia, a Russia se obrigaría a suspender todas operações militares.” (P.L.R. No. 60.)

Foi neste periodo que o Rei Jorge telegraphou ao Principe Henrique da Prussia que

“o Governo inglez fazia seu possivel, suggerindo para a Russia e para a França que suspendessem as preparações militares, se a Austria consentir á se satisfazer com a occupação de Belgrade e do territorio Servio vizinho, como refem para a liquidação das suas pretensões, outros paizes no entretanto suspendendo suas preparações para guerra.”

O Rei exprime a sua esperanza que o Kaiser

“empregará a sua grande influencia para induzir a Austria á acceitar esta proposta, provando desta maneira que a Allemanha e a Inglaterra estão trabalhando juntos para obviar um catastrophe internacional.” (Segundo P.B.A.)

Esta ultima proposição, porem, nunca foi acceita nem recusada, porque o impetuoso Kaiser deu seu *ultimatum* de doze horas á Russia para demobilizar, que foi uma exigencia arrogante que nenhuma Potencia que se respeitasse, e quanto menos uma tão grande como a Russia, podia acceitar.

Emquanto esta exigencia estava sendo encaminhada, Sir Edward Grey fazia o seu ultimo esforço para conservar a paz pedindo á Allemanha para sondar o Petrograd para saber se seria possivel para as quatro Potencias desinteressadas offerecer á Austria de se

“encarregar de ver que ella obtivesse plena satisfação de suas pretensões com a Servia, uma vez que não embaraçassem a soberania da Servia e a integridade de seu territorio.”

Sir Edward Grey ainda diz ao embaixador allemão que se isto

não era satisfactorio, e se a Allemanha fizesse qualquer proposta razoavel para a conservação da paz e a Russia e a França a rejeitasse, “o Governo de Sua Majestade nada teria a fazer com as consequencias,” o que, é obvio, queria dizer, ou neutralidade, ou actual intervenção a favor da Allemanha e da Austria.

No mesmo dia, o embaixador inglez em Berlin pediu á Secretaria dos Negocios Estrangeiros allemão para

“fazer pressão sobre as authoridades em Vienna para que façam qualquer cousa, no interesse geral, para reassurar a Russia, e mostrar que elles estão dispostos a continuar as discussões n’uma base amigavel.”

E Sir Edward Grey informou que o Ministro dos Negocios Estrangeiros allemão respondeu que na noite passada tinha

“pedido á Austria de responder á sua ultima proposta, e que elle tinha recebido uma resposta dizendo que o Ministro de Estrangeiros da Austria receberia ordems do Imperador sobre o assumpto esta manhã.”

Outra vez o texto da carta em que a Allemanha “pediu” a Austria á ser conciliadora não se encontra no archivo.

A desculpa da Allemanha que a mobilização da Russia lhe obrigou tambem a mobilizar, não justifica a guerra. Mobilização não significa necessariamente aggressão, mais simplesmente preparação. Se a Russia tinha o direito de mobilizar porque a Austria mobilizou, a Allemanha igualmente tinha direito de mobilizar quando a Russia mobilizou, mas não segue que qualquer uma das tres nações pudesse justificar uma guerra para obrigar ás outras á demobilizar. Mobilização é sómente uma preparação contra eventualidades. É o direito de um estado soberano, e por nenhum codigo de ethica é um *casus belli*. A pretensão da Allemanha que a Russia não podia armar para se defender quando a Austria estava se preparando para um assalto possivel contra a Russia, como fanfarree arrogante tem poucos ou nenhums parallelos na historia. Tratava á Russia como um inferior, quasi como um estado vassallo.

Este passo impetuoso por parte da Allemanha para obrigar seu grande vizinho á desistir de preparações militares para se defender foi muito inoportuno, porque no dia 1 de Agosto o embaixador austro-hungaro *pela primeria vez* declarou ao Governo russo a sua promptidão para discutir os termos do seu *ultimatum* á Servia, e foi então suggerido que a forma do *ultimatum* e as questões delle resultando fossem discutidas em Londres (Despacho do embaixador britanieo em Vienna á Sir Edward Grey, datado 1 de Setembro 1914). Sir Edward Grey immediatamente avisou o embaixador em Berlin do facto, e instava que ainda era possivel manter a paz

“se so puder obter uma pequena demora antes que alguma das grandes Potencia começe a guerra.” (P.B.I. No. 131.)

mas o Kaiser, tendo emittido o seu insolente *ultimatum* á Russia para demobilizar em doze horas, tinha ido longe demais para poder

retirar, e incitado pelo arrogante partido militar de Potsdam elle “soltou os cães da guerra.”

O Julgamento.

Estes factos são todos manifestos nos documentos, e á vista delles, na minha opinião, um tribunal imparcial não hesitaria em dar o seguinte julgamento :

- 1.º—*Que a Allemanha e a Austria, em tempo de paz profunda, combinarão entre se occultamente á impor a sua vontade sobre a Europa e sobre a Servia n'uma questão affectando o balanço do poder na Europa. Se assim fazendo tinham por fim precipitar a guerra europeu não ficou sufficientemente confirmado, ainda que todo o curso da sua conducta suggere isto como uma possibilidade. Fizerão a guerra quasi inevitavel (a) enviando um ultimatum que era grosseiramente desarrazoado e desproporcionado á qualquer queixa que a Austria tivesse ; e (b) dando á Servia, e á Europa, tempo insufficiente para considerar os direitos e obrigações de todas as nações interessadas.*
- 2.º—*Que a Allemanha tinha a todo tempo a força necessaria para obrigar a Austria á seguir um caminho razoavel e conciliador, mais que nunca exerceu aquella influencia. Ao contrario, ella certamente apoiou e possivelmente instigou a Austria no seu curso despropositado.*
- 3.º—*Que a Inglaterra, a Franca, a Italia, e a Russia durante todo tempo trabalharão sinceramente á favor de paz, e com este fim não sómente desprezarão o mal comportamento da Austria, mas fizeram todas as concessões razoaveis na esperanza de conservar a paz.*
- 4.º—*Que a Austria, tendo mobilizado seu exercito, a Russia foi com razão justificada mobilizando as suas forças. Taes actos de mobilização erão o direito de qualquer estado soberano, e emquanto os exercitos da Russia não transpuzerão a fronteira, ou tomarão qualquer acção aggressiva, nenhuma outra nação tinha direito justificavel de queixar, cada uma tendo o mesmo direito de fazer preparações iguaes.*
- 5.º—*Que a Allemanha, quando as outras Potencias tinham se offerto fazer quaesquer concessões razoaveis, e discussões para paz ainda estavam em andamento, precipitou a guerra, declarando guerra contra a Russia assim precipitadamente por ter a Russia deixado de demobilizar.*

Conclusão.

O autor deste artigo chegou a estas conclusões com muita reluctancia, porque tem um sentimento de affeição profunda para o povo allemão e igual admiração para o seu progresso incomparavel. Ainda mais, elle admira a coragem magnifico com que a nação allemão, cercada de adversarios poderosos, está actualmente defendendo o seu prestigio de nação. A devoção desta grande nação á sua banderia, é digna das melhores tradições da raça Teutonica. Não obstante, isto não pode alterar a verdade ethica, que fica de parte de quaesquer considerações de nacionalidade; nem pode affectar a conclusão que a nação allemãa foi precipitada neste abysmo pelos seus politicos e pelo seu Kaiser nervudo e egoista, que no seculo vigessimo accredita que elle é o procurador do Deus Tudo-Poderoso na terra, e por tanto infalivel.

Fazendo a sua condemnação, o Tribunal Supremo da Civilização deve portanto distinguir entre a classe militar capitaneada pelo Kaiser e o Principe Herdeiro que precipitou esta grande calamidade, e o povo allemão.

O segredo mesmo da conspiração contra a paz do mundo e a falta de descobrir ao povo allemão as communicações diplomaticas acima citadas, suggereim fortemente que esta guerra detestavel é um crime não sómente contra a civilização, *mas tambem contra o povo allemão, que foi enganado e illudido*. Elles tem uma imaginação e são essencialmente progressivos e amadores da paz nos seus caracteristicos nacionaes, emquanto que as ideas da sua classe militar são aquellas dos tempos obscuros da historia.

Qualquer dia o povo allemão conhecerá a verdade toda, e então haverá um terrivel ajustar de contas para aquelles que precipitarão uma nação nobre e amator de paz neste abysmo de desgraça.

NB

